

para não fazer barulho. E foi escutar à porta. Tinham-no ouvido. Lucínia estava a dizer: «Deita-se já e adormece... Foi ele que entornou o petróleo... — Petróleo?... — Coitado.... Mas isto não pode ser tudo petróleo...» — «Chch...»

Foi fechar à chave a porta que dava para a escada. A gasolina tinha passado por baixo da porta do quarto da filha. Então despejou no sobrado o resto da lata e lançou-lhe o fogo. Foi um clarão como se a casa explodisse. Dentro do quarto ouviu-se um grande grito e um estrondo contra a porta. Línguas pretas dum fumo oleoso que cegava lambiam o tecto. Eles, dentro do quarto, gritavam aflitivamente e atiravam-se contra a porta para a arrombar. Mas a porta não cedia para nenhum lado. O arame era grosso e resistia. O fumo preto e peganhento encheu a casa toda e asfixiava. Vasques, como um louco, tentava arrombar a porta do quarto... Mas foi um momento. Depois já não se ouvia nada... Só a madeira que estalava... Por debaixo da porta saíam rolos de fumo como tinta. E o Resto, que tinha ficado ali a ver se eles conseguiam sair, caiu asfixiado e com a roupa a arder.

Durante toda a noite, aquele quarteirão de casas velhas e podres ardeu e iluminou o céu... Os bombeiros saltavam como bonecos de lata enquanto a água das agulhetas subia ao ar em repuxos vistosos. E o povo da cidade, em volta, olhava como nas fogueiras do S. João...

A GÉMEA

Começou a amanhecer... Carma continuava imóvel, estendida na cama, com os olhos esgazeados... Uma luz baça esfumava o quarto, fazia surgir os móveis, a mesa, ao fundo, com os retratos dos pais e da irmã, a jarra com aquele ramo de flores, a cadeira em que *ele* se sentava... Nos vidros cinzentos da janela batia uma chuva leve que não se ouvia e depois ficava a escorrer por eles abaixo, devagar... O céu escuro parecia encostado à vidraça... E Carma já não via nada, já não pensava, sentia-se *longe*, adormecer, desaparecer... A chuva na vidraça dava um ruído distante e dormente... Voltou a cabeça no travesseiro e olhou o relógio, a janela, ficou a olhar com aqueles olhos parados de quem não vê... Em todo o mundo não havia sol, não havia *ninguém*, e o amolecer, aquele moer da chuva era dentro dela, dentro duma vida vazia, a repassá-la, a desfazer-se desde a alma até às casas duma cidade escura, mole, onde estava a lembrar-se de ontem e de quando era pequena, de caracóis e de bibe, a brincar, a cantar e a dançar de mãos dadas com a irmã gémea, sempre vestidas de igual e tão parecidas que ninguém as distinguia... Agora olhava em volta e tudo que ali a rodeava lhe parecia longe... diluído na névoa do começo dum mundo ou do fim... Durante toda a noite não tinha dormido, tinha febre e sentia uma distância da vida como se nunca tivesse vivido... E agora também já não podia ser... Queria desaparecer... desaparecer *naturalmente*, sem sentir, como fumo que se desfaz no céu... Mas parecia-lhe que estava presa a *qualquer coisa* que não podia saber o que era... Uma sensação indefinida de que vivia vagamente ligada a tudo e de que, assim, mesmo quando morresse, nunca deixaria de existir... «Ah...!...» como um suspiro fraco e uma dor fina no peito vazio, em toda ela, desde

sempre, para sempre... Fechava os olhos... A chuva continuava a bater-lhe de leve na vidraça com um ruído surdo dentro da cabeça que se desfazia com tudo em que queria pensar, tudo a envolver-se, a confundir-se, a esvair-se de já não poder pensar mais... «Não...» «Não!...» E ainda há pouco tempo era tudo tão diferente... Foi só depois da morte da irmã, depois daquele dia em que soube que ela estava a morrer e em que quis ir lá para o pé, vê-la.

Desde que a irmã fugira de casa, poucas vezes tinham tornado a ver-se. Quando os pais morreram, Carma ficou só, abandonou a casa onde tinha vivido, alugou um quarto e teve de começar a ganhar a vida. Nos primeiros tempos, a irmã vinha, por vezes, visitá-la e trazia-lhe presentes, coisas de que ela precisava, vestidos, sapatos... Depois, já não. Passaram-se anos em que não se viram. Eram gémeas e chamavam-se ambas Leonor: uma Leonor Maria, outra Leonor Carma. E nenhuma delas gostava da tão extraordinária semelhança que tinham uma com a outra. Desde pequena, Leonor tinha muito orgulho da sua beleza, desprezava a irmã e achava ridículo quando as confundiam. Mas era verdade. Carma era tímida e triste. Um dia, Leonor fugiu de casa com um namorado que era empregado num banco e fez um desfalque. E durante alguns anos ninguém soube deles. Sabia-se que tinham fugido para o estrangeiro, mas não se sabia para que país. Até que, por fim, ele foi preso em Espanha e ela, algum tempo depois, reapareceu em Lisboa com o velho conde de Sobrali. Era muito nova e bela. Uma mulher gloriosa... Foi então que Júlio Sena a conheceu e se apaixonou por ela. E Leonor amou-o. Júlio era rico, novo e elegante. Uma pessoa aparentemente serena mas, no fundo, um espírito sombrio e estranho. Não tinha amigos. Vivia isolado. Quando, casualmente, conheceu Leonor, começou para ele um mundo novo. Primeiro a alegria dela chocou-o muito, mas depois, quando começou a amá-la mais e a dominá-la, parecia-lhe que ela era qualquer coisa de si próprio que até esse momento lhe tinha faltado. Leonor amava-o com sinceridade e com medo. Júlio Sena adorava-a com a superstição de que era ela a mulher predestinada a dar-lhe o filho que ele

desejava, que era só do sangue dela que *ele* podia vir. Despia-a todos os dias e ficava a olhar-lhe o corpo perfeito, sem sensualidade carnal, com a sensualidade do escultor a olhar a pedra de que vai fazer uma estátua. Dos olhos dela, da voz, daquele corpo, daquele sangue que via correr nas veias azuis que atravessavam o corpo branco de Leonor, ele sentia vir a imagem, a vida do *filho* que sempre tinha sonhado e esperado como uma *necessidade fatal*...

E foi quando estavam para casar que ela adoeceu e morreu. Júlio acompanhou-lhe a doença até à morte, aparentando sempre uma estranha serenidade. Parecia resignado como se aquilo não fosse irremediável. Não se revoltava. «Deus sabe...» Mas parecia-lhe que também lhe faltava força; de dia para dia sentia um profundo abatimento de que não podia defender-se. E naquele dia, quando Carma entrou no quarto da irmã que estava a morrer, Júlio nem deu por isso, hirto na cadeira em que estava sentado a olhar a moribunda. Mas no momento em que Carma se deitou sobre o leito e falou abraçada à irmã, Júlio num estremeção violento pôs-se em pé com os olhos esgazeados. A mulher que ele tinha sempre amado não era a que estava ali a morrer com a pele seca sobre os ossos da cara, sem olhos, sem fala, era aquela que chegava agora com os olhos cheios de lágrimas, a voz serena e angustiada. Era Leonor!...

Quando Carma se levantou de cima da irmã, viu Júlio em frente, em pé, a olhá-la como se tivesse enlouquecido. Começou a dar a volta à cama, a aproximar-se dela, com os olhos parados a fitá-la, e então Carma teve medo. A moribunda compreendeu tudo e disse para ele:

— Sou eu?...

Júlio caiu sobre a cama, com a cara aos pés dela, a soluçar. Carma lembrava-se bem desse momento que nunca lhe podia esquecer. E naquela noite ficou lá em casa. Queria estar no quarto da irmã, ao pé dela, a *querer* que ela vivesse, a vê-la de perto, a dar-lhe vida e não pôde. Foi para uma sala contígua, onde ficou sentada numa cadeira. E não podia sair dali: parecia-lhe que enquanto acolá estivesse sem se mexer, ela não podia morrer, que lhe segurava a vida, que não dei-

xava *estremecer, quebrar*... Ali esteve petrificada, com as mãos agarradas aos braços da cadeira, suspensa, a olhar a porta do quarto. As lágrimas escorriam-lhe pela cara abaixo.

Tinha começado a anoitecer... E nesse momento viu Júlio, transfigurado e sereno, abrir devagar a porta e ficar parado a olhar para ela. Não teve forças para nada, para se levantar, para gritar... As lágrimas secaram-se-lhe nos olhos. Ficou imobilizada como se também já não tivesse vida. Ele deixou a porta aberta e atravessou a sala, passou ao pé dela, como um sonâmbulo. Depois vieram duas criadas vestidas de branco, levaram-na, através daqueles corredores enormes, para um quarto onde estava uma cama e disseram-lhe que se deitasse, que *descansasse*... Sentia-se arrastada eternamente, sem forças, e parecia-lhe que a irmã não tinha morrido, que tinha sido outra coisa, uma coisa *qualquer*, que chegava *quase* a compreender, mas não... E era dentro de toda ela, que lhe faltava, que *sentia* só agora, mas que já vinha de há muito tempo, de sempre!... Ficou naquele quarto sentada sobre a cama a olhar no escuro tudo que lhe lembrava da sua vida. Durante toda a noite aquela casa enorme envolveu-a num silêncio pesado que enterrava. E as luzes de todas as salas estavam acesas: não parecia de noite e era sobrenatural. Quando amanheceu passou uma banda na rua, a tocar... Então ergueu-se da cama e foi, pelo palácio sem fim, procurar o quarto da irmã. E encontrou-a vestida de noiva, deitada entre duas filas de enormes velas acesas, toda rodeada de montes de flores brancas, estendida sobre a cama. Estava muito pálida, com as mãos postas sobre o peito, e não parecia morta. As velas acesas, as flores em volta, eram a única coisa que o dizia. Carma caminhou até ao pé da cama e ajoelhou-se. Depois vieram outra vez as duas criadas vestidas de branco e levaram-na para o mesmo quarto onde tinha estado durante a noite. Deixava-se levar, não dizia nada: «Deixem-me, deixem-me ficar aqui...» mas estas palavras só as pensava, não chegava a dizê-las... Tinha sido sempre assim a sua vida, sem reacção... Voltou para o quarto e deitou-se sobre a cama. E nunca mais tornou a ver Leonor... No dia seguinte, uma das criadas foi acompanhá-la a casa...

Depois começaram a passar uns dias durante os quais algumas amigas vinham fazer-lhe companhia. E então, a pouco e pouco, tudo recomeçou outra vez a decorrer naturalmente, como se não tivesse acontecido nada... Faltou durante quatro dias nos escritórios onde trabalhava como dactilógrafa, até que lhe mandaram dizer que, se ela não podia retomar o serviço, se viam obrigados a substituí-la. Foi. As companheiras olharam muito para ela, com tristeza. E tudo caiu na calma asfixia dos dias de toda a gente... As pessoas na rua... as companheiras tristes, tristeza em tudo, em todos os olhos... o ruído das ruas que adormenta... o silêncio de noite que estala os nervos... Levantava-se às oito horas, ia para o escritório e durante todo o dia, enquanto o sol batia nos vidros da janela e enchia a rua, e o alto-falante da casa de discos, em frente, tocava sempre aquela canção *Tenho a Minha Namorada*, tanto em voga, que até o vizinho, lá do quarto, também já assobiava, à noite... durante todo o dia Carma copiava à máquina «Ex.^{mo} Sr. ...» «Ex.^{mo} Sr. ...». Até que às seis horas saíam. E as companheiras, quase todas, tinham um namorado à espera, lá em baixo, na rua... Ela ia para casa, à pressa, perseguida pelas *graças* que lhe diziam os homens que reparavam nela e a desejavam. Alguns seguiam-na e por vezes vinham falar-lhe... Mas por fim desanimavam. E era assim todos os dias assim... Carma já conseguia viver *indiferente* e alheia a tudo isto que a rodeava... E os dias foram passando. Até que uma tarde, ao entrar no quarto, encontrou debaixo da porta um cartão de Júlio Sena. E no dia seguinte, quando saiu dos escritórios, viu-o na rua, à espera dela. Veio falar-lhe e acompanhou-a até casa. Mas no outro dia tornou a encontrá-lo... Agora, Carma, deitada na cama, com os olhos abertos, parados, estava a ver tudo como se tivesse sido neste instante. Naquele dia, Júlio tinha-a olhado muito, de longe, e depois seguiu por outra rua. Mas estes encontros começaram a acontecer habitualmente. Todos os dias o encontrava de manhã e depois ao anoitecer, quando voltava para casa. Ele ficava alegre quando a via, vinha falar-lhe e caminhava devagar, ao lado dela, pela rua. Carma sentia um confrangimento mas ao mesmo

tempo parecia-lhe que gostava de o ouvir, de conversar com ele. Aquela sensação de isolamento no mundo já não a sentia tanto.

Começava a achá-lo simpático e parecia-lhe leal e sincero. Mas, sempre que os assuntos tomavam um tom de mais intimidade, ela sentia um choque de frieza, uma repugnância inexplicável que lhe era dolorosa. Um dia Júlio disse-lhe: «Não tenho amigos. Você é a única pessoa de quem sou amigo e que queria que fosse também minha amiga.» Carma não respondeu, mas sentia também por ele uma amizade sincera. Júlio tornara-se para ela a *única* companhia, a única pessoa de quem *alguma coisa* a aproximava. E por fim, quando alguma vez não encontrava Júlio nos sítios onde ele costumava esperá-la, já ficava inquieta, parava, começava a caminhar mais devagar, à espera que ele chegasse. Mas logo que o via, tinha vontade de fugir-lhe, de ir esconder-se em casa, de não o ouvir, de não lhe falar... Até que um dia, uma das companheiras disse-lhe: «Daqui a pouco és uma princesa!... tens palácios... automóveis... vestidos de Paris... criados fardados...!!...» Então, de repente, Carma compreendeu. Ficou perplexa. E como todas as companheiras sorriam, ela teve também um sorriso que parecia imbecil. Quando saiu, foi para casa, por outra rua. Chegou ao quarto, fechou a porta por dentro à chave e ficou em pé, encostada aos vidros da janela, a pensar, a relacionar tudo como se tivesse vertigens... Era verdade. Lá em baixo, na rua, acenderam-se as luzes; nas casas em frente, numa janela, uma rapariga ao pé dum candeeiro costurava... o vizinho, através da porta, começou a assobiar a tal canção em voga... Carma sentia-se desfalecer, já não podia pensar com clareza, ver bem, com inteligência. Por instantes serenava e então parecia-lhe que já tinha sido há muito tempo e que não tinha sido com ela... Mas ouviu umas pancadas, levemente, a baterem na porta do quarto... Julgou que não era. Mas ouviu outra vez. Foi abrir. E viu Júlio todo vestido de preto, como sempre, com o chapéu na mão, parado a olhar para ela, sem dizer nada. Sentiu um calafrio e maquinalmente estendeu as mãos para receber um ramo de flores brancas que Júlio lhe oferecia.

Ele entrou e sentou-se numa cadeira, encostado à parede. Carma olhava as flores que tinha na mão, que eram iguais às que tinha visto em volta da irmã. Júlio pedia-lhe desculpa de ter vindo visitá-la, mas que precisava de lhe falar. E falou da sua vida, do que tencionava fazer, do que pensava de si, e Leonor ouvia, inconsciente, sem ter nada que lhe responder... Júlio dizia-lhe que a considerava como a sua única pessoa de família. E olhava-a fixamente. Leonor estremecia e estava pálida. Ele continuava a falar, a dizer que a considerava como irmã, como a única pessoa que tinha no mundo. E dizia que nem ele podia continuar no isolamento em que vivia, nem ela, que a sua casa agora lhe pertencia também, que fosse para lá, se ele lhe merecia essa prova de amizade. De repente calou-se e depois numa voz decisiva e serena disse-lhe: «Carma. Devo dizer-lhe antes a verdade...» E disse que a amava, que a amava como nunca tinha amado. Os olhos brilhavam-lhe, cheios de lágrimas. E Carma queria falar, sem poder. Ele levantou-se da cadeira e caminhou para ela. Olhava-a com imploração, com um olhar angustioso, como se das palavras que ela ia dizer dependesse a sua vida. E Carma sentia a verdade daquele olhar doloroso. Era *ela*, Leonor!... Os mesmos olhos, o mesmo tom de voz, o mesmo corpo, tudo, toda ela... E Júlio parou diante de Carma e ficou calado.

— Quer?...

E agarrou-lhe as mãos com ternura. Carma recuou num súbito estremecção e atirou-se sobre a cama a soluçar. Júlio caminhou para a cabeceira do leito e poisou-lhe a mão sobre os cabelos:

— Carma... Perdoe-me

E saiu.

Mas no dia seguinte voltou à mesma hora... Sentou-se na mesma cadeira e falou naturalmente duns amigos que tinham ido visitá-lo. Tirou do bolso uma caixa com uma pulseira de pedras azuis e pôs-lha no braço. Era igual a uma que a irmã tinha, talvez a mesma. Perguntou-lhe se tinha saído de casa. Carma respondeu que não, e então ele aconselhou-lhe: que, estar assim sempre fechada em casa, fazia

mal, que amanhã vinha às dez horas, no automóvel, para irem passear, por exemplo a Setúbal, que era um passeio bonito. Neste momento ouviram passos alegres no corredor. Carma olhou a porta como se chamasse por *alguém*... Já passava da meia-noite. Era Albertina que regressava a casa. Abriu a porta do quarto de Carma a gritar: «Léma!...» e estacou surpreendida e atrapalhada, quando viu que ela não estava sozinha: «Desculpa...» Carma caminhou precipitadamente para ela e apresentou-a. Pouco depois, Júlio despediu-se sombriamente e saiu. Então Carma ficou a conversar com Albertina, a chorar e a contar-lhe... E Albertina respondia-lhe que ele parecia muito simpático e por fim afirmou-lhe com sinceridade: «Mas então o quê?!... Se ele gosta de ti e tu gostas dele, não sejas tola... Vais ser feliz, rica, tudo!...» E beijava-a, abraçava-a, num delírio de alegria. Carma ficou suspensa, pasmada a olhar para Albertina e a pensar como ela tinha podido compreender aquilo, das palavras que tinha dito. E Albertina apertava-a nos braços, beijava-a, dizia-lhe que hoje vinha cheia de alegria, que ia sonhar!... E saiu. Foi para o quarto, que era ao lado.

No dia seguinte, que era domingo, Júlio veio no automóvel e Carma teve de ir passear com ele. Saíram de Lisboa. O carro ia devagar, pelas estradas. Carma só respondia às perguntas que Júlio lhe fazia. Estava um dia alegre, de sol. Pararam em alguns sítios: ele saía do carro e tirava fotografias. Depois dizia para o *chauffeur*: *vai indo devagar*... E continuavam. Jantaram em Palmela, numa casa que lhe indicaram e que não era restaurante, era uma casa particular. Já estava a anoitecer quando voltaram para Lisboa. Estava uma noite morna, a estrada era entre laranjais e o ar doce da noite cheirava bem, à flor das laranjas e ao fresco da terra lavrada...

Isto tinha sido ontem... Agora, com a chuva a bater na vidraça, como a chamar de longe, Leonor estava a lembrar-se de tudo... Era uma angústia que a esmagava. A cabeça esvaía-se-lhe como se delirasse de febre. Durante toda a noite não tinha dormido... Continuava a chover, a chover, e na janela cheia de água, o céu escuro parecia um mar... O calor

da febre amolecia-lhe o corpo... Ergueu-se da cama, caminhou para a janela e abriu a vidraça para lhe dar na cara a chuva que refrescava... Ia vestir-se para ir para o escritório... Para se molhar mais subiu acima duma cadeira que ali estava e ficou, com a chuva a bater-lhe nos pés, a olhar a rua, lá em baixo, meia apagada pelos fios da água e onde já começavam a passar algumas pessoas... O vento colava-lhe ao corpo a camisa molhada e gelada... Sentiu-se desprender... E, hirta, abandonou-se, deixou-se ir para a janela, para a chuva que o vento assobiava. E, como qualquer coisa que cai à rua e se desfaz, ficou estendida lá em baixo, na borda do passeio...

Em volta juntou-se muita gente a vê-la, e a chuva lavava-lhe o sangue que lhe escorria pela cara.